

Experiências místicas transgressoras – igrejas e movimentos religiosos LGBTIA+ em meio à (pós) pandemia de COVID-19

Tony G. Bezerra¹

(<https://orcid.org/0000-0002-8217-3137>)

Tânia Mara C. Almeida²

(<https://orcid.org/0000-0003-4147-7668>)

Tatiane dos Santos Duarte³

(<https://orcid.org/0000-0003-0532-6790>)

Resumo: Experiências místicas são comuns no cristianismo entre lideranças que fundaram igrejas ou movimentos com perspectivas teológicas inovadoras à tradição. Esses fenômenos têm ocorrido com pessoas, até então, consideradas pecadoras ou excluídas da salvação por expressarem identidade de gênero e sexualidade LGBTIA+ e que, por algumas vezes, foram consideradas com transtornos psíquicos por apresentarem-se divergentes da cis-heteronormatividade, na qual se assenta a moral religiosa conservadora. Por intermédio de entrevistas online no período da pandemia de COVID-19 com nomes destacados desse ambiente, herético ao olhar canônico, discute-se como o estigma social e o sofrimento mental lhes impingidos ganharam novos sentidos ao se transformarem em marca simbólica de eleitas por Deus a uma vida ungida de aceitação e protagonismo em suas comunidades religiosas. Analisa-se, ainda, como suas práticas de releitura bíblica e ritos religiosos ganharam espaços e se disseminaram com as redes sociais, com uso intensificado a partir da crise sanitária da época.

Palavras-chave: LGBTIA+; estigma; redes sociais, COVID-19.

Transgressive mystical experiences – LGBTIA+ churches and religious movements amid the COVID-19 (post)pandemic

Abstract: Mystical experiences are common in Christianity, among leaders who founded churches or movements with theological perspectives that are innovative to the tradition. These phenomena have occurred with people, until then, considered sinners or excluded from salvation for expressing LGBTIA+ gender identity and sexuality and who, at times, were considered to have psychological disorders because they differ from the cis-heteronormativity, on which the conservative religious morality. Through online interviews during the COVID-19 pandemic with prominent names of this area, heretical from the canonical view, it is discussed how the social stigma and mental suffering imposed on them gained new meanings by becoming a symbolic mark of those “chosen by God” to a life anointed with acceptance and protagonism in their religious communities. It also analyzes how their practices of biblical re-reading and religious rites gained space and spread through social networks, with intensified use following the health crisis at that period.

Keywords: christian churches; LGBTIA+; stigma; social media; COVID-19.

Recebido: 23.08.23
Aprovado: 25.07.24

Artigo elaborado no âmbito da pesquisa FAPDF/UnB (Edital 09/2022), "Movimentos religiosos defensores dos Direitos Humanos no DF".

1. Doutore em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Professore junto ao Núcleo de Estudos da Diversidade Sexual e de Gênero (NEDIG/CEAM/UnB). Pesquisadore no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Brasília-DF, Brasil.

2. Professora do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, bem como integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, da Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil.

3. Doutora e Mestra em Antropologia Social pelo PPGAS-UnB. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Mulheres/NEPEM do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares/CEAM da Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil.

4. Instituições adotam tratamentos que prometem reversão da orientação sexual ou da identidade de gênero, por algumas chamadas de “cura gay”, sem qualquer base científica (Sá, 1997).

5. A palavra homossexualidade é usada como “termo guarda-chuva”, abrangendo expressões da sexualidade que escapam à heteronormatividade. Uma vez que o prefixo “homo” se origina do grego, como sentido de igual, a homossexualidade, então, faz alusão a interações afetivo-sexuais de pessoas do mesmo sexo ou gênero.

6. John Boswell estudou uniões homossexuais autorizadas pelas Igrejas Católica e Ortodoxa da Idade Média ao séc. XIV. Desde o séc. XVI, houve rechaço à homossexualidade pelo catolicismo no Brasil.

7. Neste artigo, utiliza-se a sigla LGBTI, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), que abrange lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo (UNFE, 2020), acrescida pela letra A, que designa assexuais, agêneras e andróginas, bem como da letra T, de transexuais, transgênero e travestis. O sinal de mais (+) indica que a diversidade sexual e de gênero é ampla e possui outras identidades não contempladas na sigla: não-binários, queer, pansexuais, polissexuais, demissexuais. Neste artigo também se opta pelo feminino universal. Embora entrevistades/as/os e fiéis se identifiquem com inúmeros

Introdução

Embora experiências místicas sejam acontecimentos pertencentes a antigas tradições no cristianismo e vistas pelo senso comum como eventos do passado, mostram-se atuais ao conferirem sentido e infundirem emoções à vida de distintas pessoas e grupos sociais que a elas hoje se vinculam. Esse seu grande potencial de conexão com o presente apresenta-se nos detalhes que as compõem, a começar pela capacidade de reformulação de discursos religiosos, emitidos inicialmente por pessoas que nem sempre são reconhecidas autoridades no escopo institucional das religiões cristãs, a exemplo de leigas, crianças e até mesmo as consideradas pecadoras.

Se, para as pessoas que vivenciam tais acontecimentos, o sobrenatural mostra-se por meio de visões, alterações de consciência, sensações físicas inesperadas etc., fenômenos comuns na história brasileira cristã do messianismo, aparicionismo mariano e espiritismo, neste artigo, o foco da análise a respeito deles é socioantropológico. O dito milagre em correntes cristãs que ali se realiza é ora encontrado na força contundente desses acontecimentos para proporcionar outro enquadre sociocultural a essas pessoas discriminadas em seus meios e novo valor de comunidade entre elas na busca por conforto espiritual não lhes oferecido em suas denominações religiosas originais ou em denominações consolidadas há mais tempo. Muitas vezes sob o olhar dessas religiões, tais pessoas, afins entre si em suas identidades de gênero e sexualidades diversas da cis heteronormatividade, são consideradas sob reprovação, necessitando ser readaptadas, convertidas, até mesmo curadas⁴ para participarem da palavra e partilha salvífica cristã.

Enquanto cientistas sociais, não nos voltamos para a validação, ou não, das experiências místicas em si, o que seria uma tarefa teológica. A nós, nos interessa investigar o que se coloca no campo sociocultural e político como material humano que motiva relações, pensamentos e sentimentos, ainda que compreendidos e atribuídos à ordem transcendente por quem os vivencia e nela crê. Essa realidade torna-se fato social ao nos depararmos com a constituição dessas igrejas e movimentos no horizonte contemporâneo a partir de tais experiências, bem como de sua oferta de bens religiosos em locais físicos e, na pandemia, pela internet. Historicamente, a homossexualidade⁵ e a transgeneridade são vistas como pecados ou abominações pelas igrejas cristãs⁶ no Brasil, exercendo especial influência sobre a LGBTfobia que permeia nossa sociedade desde a Colônia (Trevisan, 2000) e as torna alvos de estigmas por suas expressões na interação social. Contudo, recentemente, sexualidades e identidades de gênero diversas da cis-heterononormatividade, aquelas LGBTIA+⁷, têm sido acolhidas em espaços religiosos.

Em meados do século XX, surgiram LGBTIA+ que afirmavam coletivamente suas identidades em espaços cristãos. Uma de suas referências é o bispo George Hyde, que, em 1946, organizou um grupo de estudos com católicas homossexuais em Atlanta (Geórgia/EUA), que daria origem à *Eucharistic Catholic Church*, congregação independente de gays e lésbicas. Em 1968, cria-se a primeira denominação cristã voltada para a diversidade sexual e de gênero. Trata-se da *Metropolitan Community Church* (MCC)⁸, fundada pelo Reverendo Troy Perry, em Los Angeles (Califórnia/EUA).

No contexto da Revolta de Stonewall⁹, em Nova York (EUA) em 1969, emergiram grupos empenhados na inclusão de LGBTIA+ em diferentes denominações: católica, metodista, presbiteriana, luterana, episcopal, entre outras (Serra, 2019). Essa perspectiva concebe o cristianismo enquanto libertário das opressões, encarando a trajetória de Jesus, filho de Deus, como denúncia da hipocrisia à época de sua vida terrena e, nas décadas de 1960 e 1970, dialogando com os fluxos emancipadores estadunidense ao beber das teologias negras e feministas. Nesse sentido, essas igrejas se desenvolveram pari passu com o movimento político LGBTIA+, questionando a LGBTfobia na sociedade.

Na América Latina, essa construção é mais recente, tendo uma das suas referências iniciais a fundação da primeira Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) latino-americana em 1980, quando John Doner se mudou para a Cidade do México. No Brasil, essa igreja se estabeleceu em 2003, com a realização da I Conferência das Igrejas da Comunidade Metropolitana do Brasil, tendo seu primeiro templo em 2004, no Rio de Janeiro (RJ) (Musskopf, 2008). No catolicismo brasileiro, importante marco é a criação do site diversidadecatolica.com.br em 2007 e, em seguida, o Grupo Diversidade Católica, na mesma capital (Serra, 2019). Citando Luiz Mott, Cris Serra destaca a fundação da Associação Cristã Homossexual do Brasil, em Salvador (BA), no ano de 1985, primórdios de uma teologia inclusiva brasileira, com a divulgação do texto “O que todo cristão deve saber sobre homossexualidade”, que seria “a primeira revisão exegética divulgada no Brasil sobre textos bíblicos relativos à homossexualidade” (Mott, 2006, p. 13 apud Serra, 2019, p. 154). Há ainda o pioneirismo do padre José Transfereti em “Pastoral com homossexuais”, de 1998, relatando seu combate ao preconceito quando atuava em Campinas (SP), a partir de 1994 (Serra, 2019). Citando Regina Facchini, Natividade (2010) recorda que, entre 1996 e 1997, o grupo Corsa, de ativismo LGBTIA+, promoveu celebrações ecumênicas e discussões sobre LGBTfobia nos espaços religiosos.

A literatura acadêmica a respeito desses movimentos e igrejas no Brasil é ainda mais recente. Impulsionados nos anos 1990 e 2000, os estudos muitas vezes os tra-

gêneros, o emprego apenas da desinência feminina para se referir a generalizações facilita a fluidez da leitura, bem como afina-se com a linguagem subversiva à norma e inclusiva da diversidade.

8. Foi traduzida para o português com o nome de Igreja Comunidade Metropolitana (ICM).

9. Protestos pelos direitos LGBTIA+ deflagrados em 28/06/69 e contra a invasão policial do Bar Stonewall Inn. A polícia tentou interditar o bar, frequentado por homossexuais, mas houve reação da clientela, travando-se uma batalha. Essa revolta é um dos marcos iniciais do movimento LGBTIA+ (Serra, 2019 apud Simões; Facchini, 2010).

10. Pesquisa aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa, com autorização das pessoas à explicitação das suas identidades.

taram sob o prisma da repressão religiosa às atividades sexuais desviantes (Serra, 2019), mas notaram que incorporavam conceitos de diversas escolas filosóficas e correntes de pensamento religioso. Essas novas teologias colocaram em questão a própria noção de religião ou de religiosidade (Musskopf, 2019), uma vez que tocaram estereótipos de homem e mulher, bem como de família cis-heteronormativa, pilares do cristianismo tradicional. Ademais, por volta dos anos 1990, há a influência dos estudos gays e lésbicos, grosso modo, reunidos sob a teoria *queer*. Esta se contrapõe a uma visão essencialista da sexualidade, sendo as identidades sexuais construções sociais (Musskopf, 2019).

Dedicada também a esse objeto de estudo, há a pesquisa realizada pelo primeiro autor e acompanhada pelas demais autoras deste artigo, entre 2020 a 2023 (Bezerra, 2023). Seu desenvolvimento ocorreu justamente no período da pandemia de covid-19, em momento de isolamento social no país. As entrevistas semiestruturadas, ora discutidas, ocorreram online com cinco lideranças evangélicas e uma católica desse cenário religioso¹⁰. Puderam falar, entre vários temas, sobre a situação pandêmica para suas comunidades religiosas e como os obstáculos frente à congregação das fiéis estavam sendo contornados. Outros procedimentos metodológicos também foram utilizados, como a coleta de informações a partir de dados na internet e redes sociais.

Essas seis lideranças foram selecionadas de acordo com a afinidade à temática, que aqui é definida por “igrejas e movimentos LGBTIA+”, em vez de inclusivas, afirmativas ou *queers*. Trata-se de instituições e grupos protagonizados por elas, ainda que outros trabalhos científicos as nomeiem diferentemente. Receberam ou ainda recebem revelações que se relacionam às teologias LGBTIA+ em suas respectivas tradições religiosas. Essas teologias são aqui um termo guarda-chuva, que abarca uma miríade de vertentes teológicas que se (re)criaram nas últimas décadas, propondo, em maior ou menor grau, a ampliação da participação de LGBTIA+. São pessoas que contribuíram para a releitura das práticas e dos pensamentos tradicionais, ainda que não sejam lideranças em cargos eclesiais.

Nas próximas páginas, discute-se como essa forte desvalorização, a exclusão e o sofrimento mental lhes impingidos, enquanto um estigma, se transformaram em marcas simbólicas de eleição por Deus a uma vida ungida de aceitação em suas comunidades religiosas após suas experiências místicas. Analisa-se, por fim, como suas releituras bíblicas e dos ritos religiosos ganharam espaços e se disseminaram com as redes sociais, particularmente a partir da referida crise sanitária, mantendo-se marcantes na sua comunicação com o público e movimentos sociais no período pós-pandêmico.

1. Estigma

A população LGBTIA+ é muito heterogênea, sendo que se observam níveis muitos diferentes de estigmatização entre integrantes. De acordo com Goffman (2004), o estigma se daria na relação face a face, a partir da percepção de uma característica destoante daquela considerada normal por uma sociedade:

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa, fraca. Assim, deixamos de considerá-lo uma criatura comum e total, reduzindo-o a uma estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (Goffman, 2004, p. 6).

Esse fenômeno é de grande extensão, aumentando conforme mais se afasta das normas performativas de gênero e sexualidade dominantes. Ao longo da história, a homossexualidade e a transgeneridade foram representadas, na cultura judaico-cristã, enquanto pecado, crime e doença, a partir das abordagens religiosa, penal e médica, respectivamente. Conforme Goffman, um estigma dessa magnitude faz com que se julgue o todo pela parte, reduzindo a pessoa ao estigma. Nesse sentido, alguém LGBTIA+ é visto, do ponto de vista mais conservador, reduzido ao mal. É pecadora que se confunde com o próprio pecado, criminosa com o próprio crime e doente com a própria doença. Essas fusões consumam o estigma e abrem as portas para a abjeção.

Goffman diferencia três tipos de estigma: as abominações do corpo, as culpas de caráter individual e os stigmas tribais de raça, nação e religião. Classifica a homossexualidade como um estigma do tipo “culpas de caráter individual”, que também é exemplificada por distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, desemprego, tentativa de suicídio e comportamento político radical. Essas culpas seriam oriundas da falta de força de vontade para se adequar à heteronormatividade.

É interessante notar que LGBTIA+ podem ser acometidas não só por esse tipo de estigma, mas pela completude enumerada pelo autor. Intersexos, por exemplo, são vistas como portadoras de abominação do corpo ou deformidade física. Não raro

são submetidas a cirurgias, que, frequentemente, resultam em mutilações dos genitais e do processo de constituição de si. Isso é feito em nome do binarismo de gênero, no qual é preciso ser classificada como pertencente ao sexo masculino ou feminino para se adquirir inteligibilidade social.

Ademais, LGBTIA+ são, muitas vezes, acometidas por situações que Goffman categoriza como estigmas tribais de raça, nação e religião, uma vez que as dissidências sexuais e de gênero se dão em interseccionalidade com tais noções, bem como são consideradas enquanto um grupo em si, que carregaria uma marca identitária própria de abjeção. A transgeneridade é vista de forma diferente em cada cultura. Com isso, o estigma imposto a LGBTIA+ por uma religião está relacionado ao modo mais ou menos inclusivo com que se dirige a esse segmento. Além disso, a intolerância religiosa direcionada às religiões afro-religiosas pode estar relacionada com a aceitação por parte delas da diversidade sexual e de gênero. A androginia de um pai de santo, por exemplo, pode agravar o estigma contra seu terreiro. Sobre a comparação com o racismo, lembra-se que o Superior Tribunal Federal (STF) reconheceu, em 2019, a LGBTfobia como tipo de racismo, enquadrando-se a discriminação contra LGBTIA+ nos termos da Lei nº 7.716/89 (Lei Antirracismo). Enfim, a questão LGBTIA+ se relaciona aos três tipos de estigma mencionados por Goffman.

O autor classifica a pessoa estigmatizada em: desacreditada e desacreditável, podendo experimentar ambas as classificações a depender do contexto. Enquanto a desacreditada é aquela cujo estigma é evidente ao contato, a desacreditável é aquela cujo estigma não é conhecido nem imediatamente percebido por interlocutoras. Isso é importante para a comunidade LGBTIA+, fazendo-se uma analogia com a ideia de passabilidade, que significa uma mulher transgênero ser aceita socialmente ao se tornar mais parecida com uma cisgênero. Não obstante, é desacreditável, pois o estigma pode emergir.

Igualmente, a orientação sexual é objeto de controle, sendo que se pode fingir ser heterossexual para evitar a discriminação. Contudo, o autor alerta que o encobrimento da identidade homossexual possui custo emocional, elevando os níveis de ansiedade. Tal dissimulação é arriscada e pode entrar em colapso, gerando sempre tensão emocional.

Ao mesmo tempo, afirma que, ironicamente, quanto mais a estigmatizada se separa dos ditos normais, mais parecida com eles torna-se em outros aspectos, caso almeje valores dominantes e deseje ser aceita. “Seu desdém por uma sociedade que o rejeita só pode ser entendido em termos da concepção que aquela sociedade tem de orgulho, dignidade e independência” (Goffman, 2004, p. 98). Isso poderia

ser evitado se encontrasse cultura diferente na qual se refugie. Nesse sentido, reforça-se a relevância dos agrupamentos LGBTIA+ enquanto terreno de afirmação social e política.

As igrejas e os grupos religiosos LGBTIA+ retratados neste artigo vão ao encontro dessa demanda por afirmar coletivamente as vivências e identidades sexuais e de gênero divergentes do paradigma dominante. Além de fornecer um sentido de identidade para esse segmento, busca assegurar os seus direitos religiosos, contornando o problema da LGBTfobia nas igrejas cristãs tradicionais e, indiretamente, na sociedade como um todo.

De modo interessante, a discriminação, que gera violência sobre essas pessoas, pode ser considerada uma marca de salvação e contato direto com a divindade. Assim, as histórias de vida ora apresentadas abordam trajetórias marcadas pelo estigma relacionado à LGBTfobia e à exclusão dos espaços religiosos tradicionais, mas que, a partir de determinado momento, passam por resignificação na qual se dá uma unção, por Deus, da escolha delas para liderarem ações religiosas de aceitação de LGBTIA+. Há a transmutação do sofrimento oriundo dos ataques e constrangimentos da LGBTfobia em estigma religioso em sentido positivo, de elevação espiritual e terrena.

2. De excluídas a escolhidas por Deus

Mesmo que as perspectivas religiosas LGBTIA+ surjam em consonância com o avanço do reconhecimento dos direitos desses grupos, vinculam-se a experiências místicas e de releitura das tradições por parte de pessoas que se tornaram expoentes no empreendimento de mudanças em suas próprias vidas e nas instituições. O peso discriminatório do estigma lhes imputado, nessa especial interface entre o transcendente e o imanente, tornou-se um sinal de redenção e comunicação direta com a divindade.

Para Suzana Moreira e outros, “a experiência mística profética necessariamente implica um sair de si. Sua dinâmica se dá diante dos outros, existe para os outros e, portanto, é influenciada pelo contexto em que acontece” (Moreira; Silva; Ronsi, 2019, p. 179). Nesse sentido, a experiência mística, ao estabelecer relações com os mistérios existenciais e da ordem sagrada, pode desencadear revelações que fundamentem novas perspectivas de compreensão do mundo, de si e do divino. Quando toca alguém cuja dissidência sexual e de gênero lhe é uma marca significa-

tiva, a experiência mística pode trazer outras interpretações da fé e conduções de suas práticas. Assim ocorreu com as pessoas entrevistadas.

A pastora Lanna Holder, fundadora da Cidade de Refúgio (CR), nasceu em 1974 em Pernambuco, viveu no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos. Atualmente, mora em São Paulo com a esposa. Declara-se mulher cisgênero homossexual e branca. Possui ensino superior e se dedica integralmente à função de sacerdotisa. Foi criada em família LGBTfóbica e estudou em colégio de freiras. Na adolescência, se apaixonou por uma mulher e decidiu assumir o relacionamento, saindo de casa. Nesse ínterim, sua mãe e familiares se converteram à religião evangélica, intensificando Lanna como alvo de homofobia e a afastando do Evangelho. Embora sentisse vocação de servir a Deus, ouvia que precisava deixar de ser lésbica para agradá-lo.

Em visita à sua família, aos 21 anos em 1995, recebeu uma mensagem espiritual, passando a integrar a Assembleia de Deus, superando sua dependência do álcool e drogas e esperando tornar-se heterossexual. Foram quase 10 anos na busca por mudança de sua orientação sexual. Dois anos depois da conversão, considerava-se curada e começou dar testemunho disso em espaços religiosos. Juntamente com a mãe, realizava trabalho de evangelização interdenominacional, pregando em igrejas evangélicas do Brasil e exterior.

Ao negar o comportamento homossexual, mantinha a abstinência sexual e se via em um processo de “cura gay”, até não expressar nenhuma atração por mulheres. Desse modo, estaria renunciando aos desejos demoníacos e preparando para se casar com um homem, cumprindo o papel de esposa e mãe, conforme preceitos da religião. Para realizar a profecia e confirmar a suposta cura, casou-se, engravidou e teve um filho. Quando este estava com um ano, seu casamento encontrava-se em crise. Mas temia divorciar-se e perder o ministério na Assembleia de Deus, pois teria sua reputação destruída.

Em junho de 2002, conheceu Rosânia Rocha nos Estados Unidos, que também era pastora e cantora gospel. Inicialmente, tornaram-se amigas. Também lá, sofreu um acidente de carro e escapou da morte por pouco. Gravemente ferida, entrou em coma e passou meses se recuperando. Nessa ocasião, conseguiu estabelecer contato direto com Deus: “Minha filha, eu vim aqui pra perguntar se você quer ir comigo ou se você quer ficar” – disse a voz, branda e respeitosa. Por ter sido essa revelação restauradora e curativa, optou por reavivar-se e passou a se aceitar melhor como homossexual: “a partir desse momento, eu aprendi que não precisava lutar contra quem eu era, eu só precisava viver como Deus queria que eu vivesse, junto dele e com ele”.

Compreendeu, a partir de então, que sua missão com Rosânia era de propagar o evangelho para LGBTIA+, e assim nasce a CR em 2007, em São Paulo, de modo despretensioso e apenas para orar, cantar e louvar a Deus, filiando-se ao neopentecostalismo. No ano seguinte, Lanna foi para a Europa, onde ficou uns três meses e depois voltou para o Brasil, período em que estava separada de Rosânia, embora já fossem um casal. Pregava a palavra nas igrejas em que era convidada, sem dar testemunho sobre reversão da sexualidade.

Após uma pregação na Europa, uma das fiéis lhe disse: “eu vejo uma aliança na sua mão, mas não é uma aliança comum. É uma aliança diferente”. Lanna a interpretou como profecia do seu casamento com Rosânia. Em outra ocasião, após uma pregação em Brasília (DF), também recebeu uma revelação, por outra fiel: “eis que falo contigo, estou colocando um cajado diferente na sua mão. E as ovelhas que eu tenho para você pastorear são de outro rebanho, são ovelhas diferentes”. Entendeu que essas palavras e as anteriores se referiam à criação da CR, agora em São Paulo. Lá continuou sua atividade missionária, os cultos, a venda de seus CDs, DVDs e livros, sua fonte de renda. Hoje, a CR é a maior denominação de igreja LGBTIA+ em número de templos, com unidades em todo o país.

O pastor Marcos Gladstone, fundador e pastor dirigente da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), também uma das mais expressivas igrejas LGBTIA+ do Brasil e próxima ao neopentecostalismo, é originário e morador do Rio de Janeiro (RJ). Tem 45 anos, é advogado, com pós-graduação, casado com Fábio Inácio, também pastor da ICC, com quem tem quatro filhos adotivos. Declara-se homem cisgênero branco e homossexual. Veio de berço católico. Desde a infância, sofria discriminação por sua orientação sexual. Aos 14 anos, em meio à depressão e alvo de homofobia, tentou tirar a própria vida. Diante dessa situação e a convite de sua mãe, começou a frequentar uma igreja pentecostal:

Naquele momento, eu tive um grande encontro com Deus. Aque-la mulher, quando ela começou a orar, foi uma pastora, eu vivi uma experiência muito forte: eu senti como se estivesse subindo, saindo quase do meu corpo, encontrando com um ser, que eu só via as vestes brancas. E ali foi um grande impacto para mim (Marcos).

Decidiu frequentar a igreja e ter uma vida cristã. Apesar disso, as respostas da igreja sobre a homossexualidade se mostravam insatisfatórias. Os pastores diziam que não era possível ser gay evangélico ou evangélico gay. Ao informá-los sobre seus desejos homossexuais, ouvia que seria apenas uma fase e que teria esposa e filhos. De fato, namorou com uma mulher por quatro anos para se casar. Mas, certo

dia, ao final de um culto, uma mulher se levantou e lhe disse, guiada pelo dom de revelação: “você vai para os Estados Unidos e lá Deus vai falar com você de uma forma muito especial. Tem algo a acontecer lá e vai tudo acontecer para você ir lá”. Ademais, outra fiel lhe disse a mesma coisa. Na semana seguinte, conheceu um estadunidense e se tornaram amigos.

Em 1999, Marcos foi à Califórnia (EUA) visitá-lo e, em um pub, viu um casal gay se beijando, o que o deixou em pânico e o motivou a buscar outra cidade nos arredores para espairecer. Em Santa Cruz, clamou a Deus por orientação a respeito de tudo que estava acontecendo. Ouviu uma voz: “Marcos, não fuja do que você é, aonde você for, a sua sexualidade estará com você”. Aquela foi a maior revelação que teve em toda a vida, pois percebeu ser amado por Deus, independentemente de sua orientação sexual.

Ao voltar para o Brasil, cancela os planos de casamento. Começa a frequentar uma igreja evangélica de grande porte no Rio de Janeiro, mas ficava no último banco e procurava não se engajar nas atividades. Um pastor lhe perguntou se gostaria de participar mais ativamente. Respondeu-lhe que era gay e que achava não ser ali aceito. O pastor respondeu-lhe, no entanto, que a Bíblia não condenava a homossexualidade e, a partir daí, iniciou pesquisas na internet e chegou à teologia inclusiva. Ficou muito animado com a descoberta e resolveu criar um site sobre o tema em 2002. Esse teria sido o primeiro site (o qual não mais existe) em língua portuguesa de teologia inclusiva, despertando muito interesse a ponto de, em um domingo na Praia de Ipanema (RJ), ter realizado o primeiro encontro religioso que rogava a Deus o evangelho de inclusão no Brasil.

À época, ainda não pretendia se tornar pastor. Contudo, sua mãe adoeceu e buscou auxílio espiritual, recebendo da pastora uma revelação: “seu filho vai ser um grande homem de Deus, ele vai ser referência para um povo diferente em nossa nação. Ele vai receber uma ligação dos Estados Unidos e diz para ele aceitar”. A pastora profetizou, ainda, a cura da mãe de Marcos. Poucos dias depois, ela se recuperou e ele foi convidado a realizar um trabalho nos Estados Unidos, conhecendo a *Metropolitan Community Church* (MCC).

Morou um ano e meio em Atlanta, tendo contato com a espinha dorsal da teologia inclusiva e visitando igrejas diversas no país. Quando foi consagrado líder pastoral interino da MCC, já apresentava confrontos doutrinários com a igreja. Incomodava-se com a interreligiosidade e, em sua opinião, essa era uma igreja excessivamente militante. Não obstante, participou da criação da primeira Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) do Brasil, no Rio de Janeiro (RJ). Contudo, por divergências,

foi afastado da Igreja. Por aproximadamente um ano rogou a Deus por novas orientações. Em 2006, vivenciou uma importante experiência mística, em que o Espírito Santo veio dar uma unção para que pastoreasse a ICC: “seu chamado vem direto do céu”, disse uma voz.

Atualmente, a ICC conta com dez igrejas, sete no Rio de Janeiro e três em São Paulo, Minas Gerais e Bahia. No site da ICC, Marcos destaca que “seu chamado, em Deus, se solidifica a cada dia, de uma forma especial, sendo uma voz profética no meio da comunidade LGBTQIA+, na luta contra o estigma religioso e social que segregou gerações párias de um acolhimento cristão no Brasil em virtude da orientação sexual” (Igreja Contemporânea, 2020, s/p).

A pastora Ana Ester é originária de um lar católico de Minas Gerais e morava, à época da entrevista, em Kansas City (EUA), com sua esposa estadunidense. Tem 42 anos, é bacharel em teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix e em comunicação social pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. É mestra e doutora em ciências da religião pela PUC-MG. Declara-se mulher cisgênero branca e homossexual. Atua como pesquisadora independente e é reverenda da ICM. Tornou-se evangélica aos 18 anos, quando iniciava relações lésbicas. Ao se converter, começou a frequentar uma igreja do protestantismo histórico. No entanto, mudou para uma neopentecostal, com uma teologia calcada no sentimento de culpa e em uma moral conservadora em relação à sexualidade. Enfrentou embates na igreja e acabou sendo convidada a dela se afastar.

Hoje, propõe uma implosão do binarismo de gênero, dos limites e das fronteiras, o que se daria não somente a partir de seu próprio corpo e identidade, mas também a partir de uma mudança na compreensão sobre Deus. “O gênero modifica nossa compreensão no mundo e ele também muda a ideia de Deus, o que faz parte da teologia *queer*, de Marcela Althaus-Reid. A ideia de você sair do armário, mas também tirar Deus do armário.”

A ideia de mística foi sofrendo transformações, sendo possível estabelecer três fases na sua vida religiosa: a neopentecostal, a acadêmica e a psicodélica. Na primeira, a experiência mística se dava com fervor, com línguas de fogo etc., sendo a divindade acessada pela glossolalia e outros dons do Espírito Santo. Quando se volta para os estudos acadêmicos, questiona essas experiências no pentecostalismo e vai deixando de acreditar nesse caminho de contato com o divino. Nessa segunda fase, a ciência lhe direciona para um saber racionalista sobre a divindade. Atualmente, na terceira fase, suas experiências têm se dado por meio do Santo Daime, proporcionando-lhe um encontro com a energia vital que tudo permeia: “experiência

mística é algo que transcende, que é maior do que eu”. O uso do chá da ayahuasca tem impulsionado a psicodelia e a expansão de consciência, ajudando-lhe a resgatar a fé, que estava abalada em meio a questionamentos racionalistas e decepções amorosas. Isso promoveu uma mudança em seu entendimento de Deus. “Ela (a ayahuasca) faz ressurgir em mim a ideia do mistério, então eu tô muito apegada a isso agora, sabe? Ao que está para além de mim, a essa força misteriosa que ainda continua dando muito sentido à minha vida.”

Ademais, Ana Ester tem encarado seu processo de escrita enquanto experiência mística, tendo em vista que, mesmo sem ter nada planejado, “recebe” os textos. Escrever é oportunizar o encontro “desse Deus em mim, dessa pulsão de vida e pulsão de morte em mim”. Ao publicar textos e vídeos na internet, falando sobre teologia *queer* e suas experiências, tem constituído uma comunidade virtual de fé, que traz conexões de afeto e reciprocidade. No espaço online, recebe comentários que a ajudam a reinterpretar suas próprias histórias: “o texto ganha novo sentido para mim a partir do olho da/o outra/o. Quando isso volta para mim é esse círculo divino de energia: quando eu coloco no papel uma intenção, que alguém lê e que traz para mim de uma outra forma”.

Como o uso da ayahuasca não faz parte da doutrina da ICM Brasil, a reverenda e outras religiosas passaram a se ligar à Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (FUICM). Por fim, enfatiza que não basta ser uma igreja inclusiva, que rompe com as normas hierarquizantes e as formas ensimesmadas de se fazer religião: “a gente não quer ser uma igreja inclusiva, que tem um centro de poder e diz ‘venham à nossa mesa, a nossa mesa está aberta a todos’; a gente quer uma igreja expansiva, que visite as outras mesas, que se deleite com a comida, com o sagrado do outro”.

O reverendo Francisco Alves Júnior, pastor da ICM, mora em Fortaleza (CE), tem 39 anos, é professor de ensino religioso na rede pública municipal, formado em ciências da religião e em comunicação, pós-graduado e autor de *O profeta gay* (2018). Declara-se homem cisgênero pardo e homossexual. Durante a infância em lar católico, sentia forte chamado para o sacerdócio e percebia-se gay. Na adolescência, quando viu seu desejo por outros garotos se intensificar, decidiu ir para o seminário, acreditando ser um lugar santo em que estaria recluso e protegido, o que foi desestimulado por um padre por entender que a instituição não o devia receber devido à sua expressão homossexual.

Decidiu, então, conhecer uma igreja pentecostal. Logo ao final do primeiro culto, foi conversar com o pastor e revelou suas inclinações homossexuais. Foi orientado

a refrear seus desejos para uma vida santa, animado com a salvação. Nessa igreja permaneceu por 14 anos, atuando com destaque em diversos postos e sublimando seus desejos sexuais, inclusive sendo submetido à “cura gay” e imposição para que namorasse mulheres. Só não foi ordenado pastor por ser solteiro, uma vez que o matrimônio é ali pré-requisito.

Ao iniciar a graduação em ciências da religião, desenvolveu visão crítica sobre a Bíblia, observando que foi escrita por humanos e que existiam diferentes traduções dela. Ao investigar a tradução do livro de Paulo, que é usado para condenar LGB-TIA+, compreendeu que o termo “malakoi”, geralmente traduzido como afeminado ou homossexual, na realidade se refere às pessoas preguiçosas ou molengas. A condenação de homossexuais não possuía embasamento teológico.

Apesar disso, permaneceu na igreja até os 28 anos, quando sofreu uma humilhação pública e dela foi expulso. O pastor o acusou inveridicamente de assediar rapazes diante de várias pessoas, inclusive familiares. Francisco entrou em depressão e ficou recluso por dois meses, depois seguiu sua busca por uma igreja acolhedora. Somente em 2013, encantou-se pela ICM, onde reacendeu sua vocação para o sacerdócio. Em 2017, foi ordenado clérigo da Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (FUICM), organização que congrega as ICM do mundo todo. Mais recentemente, tornou-se pastor presidente da ICM de Fortaleza e assessor vocacional para o Brasil do Instituto Darlene Garner, a organização que forma clérigos para a FUICM.

Ao ingressar na ICM, conheceu melhor o pluralismo religioso, já que cada igreja da denominação tem leitura própria sobre diversos assuntos. Há três anos, frequenta um terreiro de umbanda, tornando-se filho de santo e passando a desenvolver a mediunidade, ao mesmo tempo em que continuou seu ministério na ICM. As experiências místicas a partir de então o libertaram do conservadorismo religioso. Superou a depressão ocasionada pela LGBTfobia sofrida na igreja da qual fazia parte e resgatou a sua autoestima.

Ivana Warwick nasceu na cidade de São Paulo (SP), mas foi criada em São Carlos (SP) e junto à igreja protestante em que seu pai era pastor. Hoje, aos 57 anos, mora em São Paulo (SP), é especialista em tecnologia da informação (TI), declara-se mulher trans, latina e pansexual. É pastora da ICM de São Paulo (SP), notabilizando-se como uma das primeiras pastoras trans do Brasil. A história de sua família em uma igreja protestante histórica começou com uma experiência mística de seu avô paterno.

Sua casa tinha uma aura puritana, não se falava de sexo e havia um tabu em torno de temas LGBTIA+. Não obstante, na adolescência, começou a se questionar sobre a sua adequação à sexualidade e ao gênero cis-heteronormativo. Identificava-se como um rapaz bissexual. Inspirada pelo modelo tradicional de seus pais, conhece, no trabalho, a mulher que viria a ser sua esposa e mãe de seus filhos. Somente quando os filhos chegaram à adolescência, Ivana se aborreceu com a igreja que frequentavam, por estar se pentecostalizando e se radicalizando em termos políticos, afastando-se da religião. Ao mesmo tempo, com a maior profusão da internet, o acesso a informações sobre assuntos LGBTIA+ foi aumentando e conheceu o mundo das “drag queen”. Nesse meio, encontrou pessoas com as mesmas questões: pais de família que se vestiam de mulher.

Inicialmente, tornou-se crossdresser, vestindo-se com roupas femininas para participar das atividades drag. Todavia, sofria muito quando precisava se “desmontar” e deixar as roupas e outros signos ligados ao universo feminino. Sentia tristeza profunda e tinha crises de choro, pois não queria voltar a ser vista como homem. Para ela, “ser travesti é uma experiência mística”. Então constatou que “se montar” era o seu próprio gênero, passando a se identificar como uma mulher transgênero.

Por outro lado, sabia que, perante as igrejas tradicionais, a transgeneridade era vista como um pecado, motivo pelo qual se via culpada e inadequada aos padrões religiosos. Isso começou a mudar quando descobriu a ICM, em 2015. A partir desse convívio, começou a viver, efetivamente, a identidade feminina. Por ter sido presbítero por 10 anos em sua igreja de berço, foi recebida na ICM como presbítera, após a transição.

Divorciada, continuou frequentando a ICM, nela engajando-se, tanto que, por meio de uma eleição pastoral, foi escolhida, por unanimidade, pastora da ICM de São Paulo. Destaca que, lá, não há amarras religiosas, havendo diálogo inter-religioso: “entender o que nós somos é pouco, quero saber o que podemos ser”. Enfatiza que é preciso abrir a mente para compreender a diversidade e a riqueza da criação divina. “Não preciso pedir licença para Deus, porque ele me fez assim; também não preciso dar satisfação para ninguém.”

Cris Serra foi uma importante liderança da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT e ativista do Católicas pelo Direito de Decidir, apresentando-se como não binária, branca e homossexual. Psicóloga, mestra e doutora em saúde coletiva, morava no Rio de Janeiro e tinha 47 anos no momento da entrevista, vindo a falecer em outubro de 2023.

Aos 18 anos, se descobriu lésbica e começou a se preocupar em haver algo de errado nisso, uma vez que era católica desde criança. Decidiu procurar padres para conversar a respeito, que, em regra, respondiam que a homossexualidade era pecado por não gerar vida. Contra-argumentava sem convencê-los, dizendo que todo amor gera vida e que é dom de Deus. Parou então de comungar nas missas, pois sentia medo de estar em dívida com Deus. “Esse foi o meu momento de sofrimento, sabe? Porque a coisa da comunhão era uma experiência muito mística para mim. Me privar daquilo era muito doloroso.”

Após uns quatro anos nessa peregrinação, obtive a tão esperada resposta de um padre: “você tem razão, todo amor gera vida, vá em paz”. Após esse episódio, frequentou as missas e recebeu a comunhão, pensando ser uma lésbica sem conflitos. Contudo, a sua diretora espiritual surpreendeu-lhe: “acho que você não tem muito bem resolvida essa história da sua religiosidade com a sua sexualidade”. Sugeriu que Cris participasse das reuniões de um grupo de LGBTIA+ católicas que se reunia na PUC-Rio. Embora tenha chegado ali desconfiada, foi se sentindo à vontade ao ouvir os testemunhos e relatos de outras pessoas LGBTIA+ cristãs. Depois do primeiro encontro houve uma missa, quando vivenciou uma experiência mística marcante. Esse momento de epifania foi um ponto de virada, pois passou a se engajar ativamente no movimento de grupos LGBTIA+.

Em 2015, soube estar com câncer, um grande revés. A doença atravessou a sua experiência com Deus e com o próprio corpo: “quando fiz quimioterapia, perdi por completo Deus como eu o conheci. Eu não conseguia me conectar com ele. E foi muito desesperador isso para mim, porque eu fiquei sozinha”. Após o primeiro ciclo de tratamento, foi convidada por sua companheira a ir ao candomblé. Ansiava por uma divindade feminina que renovasse suas esperanças na vida. Iemanjá era essa mãe. Mas, enquanto cogitava se iniciar no candomblé, conheceu uma comunidade cristã acolhedora e afirmativa no Rio de Janeiro: a Igreja Batista do Caminho, do pastor Henrique Vieira. A partir desse contato, reencontrou o sentido de seu cristianismo: “eu reinventei o meu Deus”.

Em meio a esse processo de cura e busca espiritual, a maior revelação que recebeu se refere à sua identidade de gênero. A partir desse diálogo franco com Deus, passa a se identificar como não-binária. “Compreender minha não-binariedade, compreender o desmoronamento das fronteiras de gênero tal como elas me constituíram no mundo em que eu fui criada como pessoa, foi a maior revelação que eu tive nessa história toda até hoje.”

Em 2018, aprofundou seu trabalho na coordenação da Rede Nacional de Grupos

Católicos LGBT. Administrava as redes sociais e o blog do Diversidade Católica do Rio de Janeiro, recebendo críticas ao coletivo, ora provenientes de cristãos tradicionais, ora de LGBTIA+. As primeiras diziam que LGBTIA+ não poderiam ser cristãos e as segundas que cristãos não poderiam ser LGBTIA+. Em ambos os lados, a incompatibilidade entre as identidades. Contudo, muitas eram mensagens positivas de LGBTIA+ cristãos.

No período da pandemia, Serra ganhou mais visibilidade ao liderar a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT. Foi convidada a diversos espaços cristãos e laicos, emocionando o público com seu testemunho em tom devocional. Ao discursar com parresia, a potência de sua fala desdobrava-se em processos de conversão e sensibilização de LGBTIA+ que nunca imaginava poder congregar em espaços católicos. Com isso, tornou-se instrumento da Ruah Divina para tocar as pessoas e incomodar as conservadoras.

Todos os relatos encontram-se na interface entre dor e prazer, sendo que o sofrimento provocado pela LGBTfobia foi superado pela revelação, atribuída a Deus, de que criassem realidades religiosas de aceitação e amorosidade em relação a si e à população LGBTIA+. Igualmente, todas mencionaram afastamento da denominação primária em busca de acolhimento e novo sentido espiritual, tendo algumas apontado também o afastamento de suas famílias originárias, estabelecendo novas famílias religiosas. Além disso, todas revelaram a fundação de suas igrejas em contexto social de uma sociedade global em rede (Castells, 1999 a e b), bem como de intensificação do intercâmbio com os Estados Unidos e, como se verá, de intensificação do mundo online para suas práticas de fé e congregação a partir da pandemia.

2. A (pós)pandemia de covid-19

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a covid pandemia planetária, alterações significativas ocorreram na vida em geral, não apenas alcançando a ordem macroeconômica e política das nações, como incidindo em processos subjetivos e íntimos. Dinâmicas relacionais estas consideradas pelo senso comum apenas como pessoais, mas que estão perpassadas por vínculos que, no cenário de emergência em saúde pública brasileira estendido até abril de 2022 (Ministério da Saúde, 2022), sofreram transtornos devido a medidas de restrição do contato físico e suspensão das atividades rotineiras (Almeida, 2020).

No caso desses movimentos e igrejas LGBTIA+, relativamente recentes e em expan-

são, tais mudanças foram desafiadoras, dificultando suas consolidações enquanto grupos e instituições, bem como inviabilizando seus encontros presenciais. A comunicação virtual, feita por meio de redes sociais e que é uma linguagem contemporânea, se mostrou uma grande solução na pandemia. A ela rapidamente se adaptaram, propagando-se junto a novos públicos e estabelecendo diálogo com movimentos sociais.

Há décadas, estudos mostram a existência de um forte vínculo entre religião e mídia. No início dos anos 1950, a entrada das igrejas evangélicas no mercado televisivo abriu portas a novos públicos e formatos religiosos (Hoover; Echchaibi, 2012). Já se antevia a presença online de manifestações religiosas, ressignificando o modo como as religiões se comportariam na contemporaneidade¹¹. As produções religiosas nesse ambiente não ocorreram ao acaso, mas envolvidas pela difusão dos meios de comunicação de massa e da internet (Sbardelotto, 2013). No bojo do processo de midiaticização, tornou-se difícil uma religião manter-se indiferente a este ambiente (Carletti, 2016), o que foi acentuado durante a pandemia.

Relatos ilustram as estratégias de adaptação ao contexto pandêmico, ora enfatizadas nas considerações construtivas em relação à internet, ora ditas nos percalços que envolveram o fechamento das instituições. As igrejas LGBTQIA+ apresentaram dificuldades de arrecadação financeira com a interrupção das atividades presenciais, já que houve queda de doativos, ao mesmo tempo em que aumentaram as crises de ansiedade e depressão entre fiéis, devido às incertezas da pandemia e ao isolamento social.

A pastora Lanna Holder avaliou que houve aspectos positivos e negativos para a CR. Lamentou a perda de vidas e o referido fechamento por oito meses. Destacou que isso foi angustiante, tendo em vista que dependem de dízimos e ofertas. Porém a transmissão dos cultos pela internet tornou a CR mais conhecida. Criaram a CR online e fizeram vários cultos diariamente. Quanto à igreja física, esta foi penalizada, sem a agregação comunitária, a qual passou a ser valorizada no momento da reabertura pelas fiéis.

O pastor Marcos Gladstone ficou aflito com o fechamento das instituições, sendo que a ICC só deixou de estar aberta no período obrigatório dessa medida. Segundo ele, havia defensoras do fechamento que não entendiam o papel espiritual da igreja naquela situação crítica, quando a saúde mental das pessoas foi abalada e muitas ficaram perturbadas. Teria sido aí que pastoras da sua igreja mais as salvaram do suicídio, indo à casa daquelas em crises de ideação suicida. Assim, a ICC teve posição radical contra o fechamento, mas concordava com o uso de máscara e outras medi-

11. A Igreja Universal do Reino de Deus foi pioneira nessas ações no Brasil, afastando-se do protestantismo histórico e fornecendo elementos audiovisuais que inovaram na interação da fiel com os ritos (Aguar, 2014). Outras igrejas evangélicas e o catolicismo despertaram após para o fenômeno.

12. A fala do pastor toca no perfil terapêutico das religiões, tema de Rieff (1990) e Fausto Neto (2004) no país, conforme apontado por Carletti (2016). Chama a atenção o fato de as religiões terem se aproximado da questão da saúde mental e do bem-estar. O sofrimento psicológico passa a ser mencionado e a capacidade de enfrentá-lo o foco de discursos religiosos.

das de proteção, como a mudança em cerimônias que manuseavam alimento. Ele se mostrou revoltado com o fato de que, à época da entrevista (novembro de 2021), fiéis ainda não tinham retornado às igrejas¹².

Para a pastora Ana Ester, os impactos da pandemia foram enormes, tendo em vista que os templos foram fechados no período agudo. Porém, no sentido pessoal, os meios virtuais impulsionaram o seu ministério, ela conseguiu acessar novos espaços e chegar a mais pessoas no Brasil, apesar de estar nos Estados Unidos. Tornou-se mais conhecida, além de mudar a sua visão do que é comunidade de fé, não mais necessitando de ambiente físico para ocorrer. Ganhou, enfim, novo dinamismo com as redes sociais e encontrou nichos acadêmicos e religiosos, reforçando o ecumenismo junto a judeus, muçulmanos etc.

A maior visibilidade institucional e a revisão da ideia de comunidade de fé mencionadas pelas pastoras por meio da internet coadunam com os estudos que mostram terem as religiões se utilizado da comunicação televisiva e radiofônica para transmitir suas crenças, expandindo-se significativamente (McLuhan, 1969; Sbardelotto, 2013). Essa relação sempre foi mediada pela facilidade de algumas religiões em utilizar esses meios de massa, os quais dependem de recurso financeiro e concessões do governo brasileiro, bem como da representação política de cada uma delas para a conquista dos espaços midiáticos. Não por acaso há canais de televisão e rádios controlados por denominações cristãs, enquanto outras denominações possuem presença mínima ou nenhuma na mídia tradicional. Mas, conforme Carletti (2016), a internet emergiu como um novo meio capaz de subverter essa dominação de oferta religiosa, abrindo-se para grupos à margem do poder na ordem pública midiática.

No que se refere aos efeitos da pandemia, o reverendo Francisco disse ter sido necessário suspender as atividades presenciais por mais de um ano e a igreja precisou se reinventar. No formato online, foi reduzida a duração do culto, para que não ficasse cansativo. E, a partir de agosto de 2021, com o retorno às atividades presenciais, ocorreu nova adaptação, uma vez que o público já estava acostumado ao formato online. Além disso, percebeu-se que, para diminuir o aluguel com as dificuldades econômicas da pandemia, seria melhor adotar um espaço colaborativo. Assim, a ICM Fortaleza funcionou junto a uma casa de acolhimento a LGBTIA+ em situação de vulnerabilidade, expulsas de suas famílias originárias. No andar de cima, havia os dormitórios e, no de baixo, um salão utilizado pela ICM aos sábados, além de receber o grupo “Mães pela Diversidade” e outras iniciativas. Essa parceria entre a igreja e a casa para LGBTIA+ tem sido profícua para ambas, pois pessoas ali acolhidas se interessam pelos cultos. Ademais, observou que a ICM tinha se tornado referência local na militância por essas causas na pandemia.

A adequação da duração do culto mencionada aponta para a influência dos modelos computacionais sobre a religião, conforme Shoji (2007), modulando práticas anteriores à sua inserção na internet. Ou seja, a linguagem, o tempo etc. das atividades religiosas passam a ser estabelecidas pelas condições técnicas, acesso síncrono ou assíncrono, entre outros fatores. Com a conexão em rede, a organização dos ritos e a utilização de elementos ao enquadre cênico virtual tornam-se evidentes¹³. Para McLuhan (1969), a mensagem não está só no conteúdo propriamente dito, mas no meio pelo qual é propagada. No caso da internet, a interação com a tela e demais apetrechos técnicos é também uma mensagem.

13. O autor estuda o budismo e mostra como lógicas e desenhos matemáticos influenciaram a exibição de altares em ramos dessa religião e a inter-relação dos sites ligados a outros ramos no Brasil e na tradição Soto Zen.

A pastora Ivana Warwick, ao analisar os impactos da pandemia, considerou que havia muita fobia social disfarçada de cuidado frente ao perigo de contágio do vírus. Acreditava que, antes da pandemia, pessoas já possuíam essa fobia, mas eram obrigadas a estar nos locais de convivência. A pandemia lhes teria proporcionado as condições para que ficassem isoladas, realizando um desejo previamente existente e ingressando ainda mais no mundo virtual, algumas esquivando-se de estigmas. Pensava que, à época da entrevista (dezembro de 2021), já seria necessário retornar para o contato presencial, embora algumas fiéis ainda permanecessem em isolamento.

Quanto à ICM de São Paulo, ela lembrou que, no início da quarentena, estavam entregando o espaço por dificuldades financeiras e não sabiam para onde ir. De todo modo, interromperam-se as reuniões presenciais e as prepararam online. Depois celebraram uma parceria com a ONG Eternamente Sou (dedicada a cuidados para LGBTIA+ a partir dos 50 anos) para o compartilhamento de um local. Ademais, lamentou a perda de membras para a covid. Uma das providências frente a isso foi a intensificação das orações pelas enfermas e pelo fim da pandemia. Explicitou apoio total à vacinação, já que a ciência teria papel fundamental nesse contexto, posicionando-se contra o obscurantismo e o negacionismo. Com o avanço da vacinação, no final de 2021, defendeu o retorno aos cultos presenciais, com as devidas precauções.

Sobre a pandemia, Cris Serra avaliou que houve enorme impacto na comunidade LGBTIA+, já que várias enfrentaram dificuldades financeiras e precisaram voltar para suas famílias, sofrendo LGBTfobia. As políticas de confinamento tiveram um peso maior para quem teve que conviver com LGBTfóbicos e fundamentalistas. Por outro lado, em termos de movimento LGBTIA+, com a multiplicação de eventos online, criaram-se possibilidades de comunicação e sociabilidades inesperadas. A pandemia possibilitou encontros que não existiriam em outra situação. As atividades virtuais se intensificaram, ensejando construções coletivas de diversas lo-

14. O Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (CNCD/LGBT) foi extinto em 28.06.2019, dia internacional do orgulho LGBT+ (Decreto n. 9.759/2019).

calidades. Logo, para ela, o impacto da pandemia foi ambíguo, houve vantagens e desvantagens para católicas/os LGBTIA+.

De forma geral, foi possível observar pelas entrevistas que a pandemia produziu profundos impactos na forma e no conteúdo de se professar a fé. O formato e a duração dos cultos se modificaram, assim como as interpretações sobre o momento vivido. O corpo e o sangue de Cristo, na comunhão católica ou na ceia evangélica, precisaram ser revistos diante da necessidade de assepsia e distanciamento social. O relaxamento das medidas de isolamento após o pico da pandemia e a disponibilidade da vacina geraram readaptação ao contexto presencial e as medidas de proteção coletiva foram sendo substituídas, aos poucos, pela gestão individual do risco de contaminação.

O peso do estigma social sobre LGBTIA+ chega a lhes ser um risco de vida, o qual foi acentuado na pandemia pelas razões mencionadas. Nesse sentido, a existência desses grupos e instituições religiosas online torna-se um modo de proteção a seus fiéis, pois não se expõem nas ruas e nos locais físicos em que congregam. Ainda que não tenham conseguido amearhar quem não possui internet e que se encontra em vulnerabilidade social, conseguiram se instalar nas redes, alcançando públicos inesperados, em melhor condição econômica e inclusão digital, bem como inserir-se no ativismo LGBTIA+ (Castells, 2013).

Além do mais, o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, sob o comando da pastora Damares Alves na pandemia, promoveu um giro ideológico nas ações relativas aos direitos humanos, que, por meio de uma nova gramática, passou a expressar, em discordância aos pactos internacionais, uma diretriz à proteção da comunidade, mas não a promoção efetiva de seus direitos¹⁴. Nesse sentido, a pasta manteve a Diretoria de Políticas LBGT – sob o guarda-chuva da Secretaria Nacional de Proteção Global –, mas pouco aplicou os recursos disponíveis para LGBTIA+, ampliando a desinstitucionalização das políticas públicas destinadas para esse grupo e afetando, por certo, a parcela religiosa dessa população.

Em relação ao estigma, também é possível estabelecer um paralelo sobre os ataques que essas pessoas sofrem sozinhas e em suas comunidades religiosas com as discriminações e agressões desferidas a afroreligiosas. Estas conhecem fortemente o racismo religioso, parte do racismo estrutural de longa data no país e que se evidenciou, outra vez, na pandemia, não apenas pela população negra ter estado mais exposta a contrair a doença e mais chances de morte. Religiosas de matriz africana fecharam seus terreiros, redes de apoio para a população negra e periférica na sociedade, e forneceram assistência às suas comunidades e enfrentaram o aumento

da violência contra seu povo. Mantiveram seus ritos e agregação comunitária via redes sociais, mas de forma distinta dos cristãos (Nogueira, Nogueira, de Moura, 2022; Fernandes, 2023).

Antes mesmo da pandemia, Dawson (2012) chamava a atenção para o fato de que algumas religiões se adaptavam mais facilmente a oferecer práticas religiosas online, como aquelas que possibilitam rituais sem a mediação de outras pessoas, especialmente porque muitas igrejas já utilizavam as redes sociais de forma mais intensa que outras religiões. Além disso, o cristianismo protestante, por ser uma religião cuja relação com o divino pode ser expressa individualmente fora do templo, se beneficiou mais do distanciamento social (Menezes; Santos, 2020).

Religiões que possuem maior materialidade sensorial em seus ritos, como as afro-brasileiras, parecem menos favorecidas pelo ambiente asséptico da tela do computador, do tablet ou celular. Isso leva à reflexão sobre a pluralidade religiosa ser impulsionada ou restringida pela presença das religiões na internet. Afinal, o pluralismo religioso se sustenta no compartilhamento de dores e esperanças no espaço da internet e na formação de redes, apesar de opiniões pessoais ou filiações organizacionais?

A multiplicidade de interpretações oferecidas pelas denominações e movimentos religiosos é ratificada e retificada a cada postagem em uma rede social. O sujeito realiza suas elaborações e a divulga publicamente pela internet nessa trama social e tecnológica contemporânea, em todas as dimensões e atos sociais. Contudo, apesar de a midiatização incentivar práticas individuais da religião, não se deve considerar as religiões na internet como uma afirmação completa do processo de individualização. Há certo senso de coletividade desenvolvido em alguns sites, como aponta Sbardelotto (2013).

3. Considerações Finais

Este artigo abordou experiências místicas de lideranças de movimentos e igrejas LGBTIA+ para aportar os processos de estigma, suas superações e novas incursões religiosas, considerando também suas relações comunitárias e de isolamento social no contexto da pandemia, o qual provocou pânico e incertezas, afetando a saúde física e mental das pessoas. Mesmo diante de tamanha adversidade, essas lideranças se reinventaram e reconciliaram suas identidades LGBTIA+ e cristãs, buscando um novo paradigma religioso de promoção da diversidade sexual e de gênero em sintonia com a espiritualidade. Das suas experiências místicas, emergi-

ram atitudes de resistência e reexistência, incrementando suas atuações por meio das redes sociais e do mundo online.

A internet parece colaborar com o pluralismo religioso na medida em que amplia a divulgação das religiões, como nas igrejas e movimentos ora discutidos. Estes puderam criar site ou perfil nas redes sociais e divulgar sua crença religiosa. O contato com o vasto mercado religioso na internet pode ser via informações sobre uma religião exposta nas redes ou nas vivências de fé online. De certo modo, a internet estimula os fenômenos do trânsito religioso e sincretismo, dispensando a distância física. O diálogo entre as crenças não depende mais do crivo institucional, que antes legislava sobre o que era religião. Isso facilita a consolidação dessas igrejas e movimentos ditos transgressores, os quais estão em metamorfose constante em suas ações e crenças.

Mas é verdade que há maior facilidade de algumas dessas igrejas e movimentos estudados de permanecerem online, pois isso demanda recursos e boa parte deles advém de vínculos a instituições maiores e redes internacionais, desfrutando de capital tecnológico acumulado e, portanto, disponível para ser utilizado em benefício da igreja. Esses, então, acabam direcionando a preferência do público e se notabilizando junto a movimentos sociais. É uníssono que as igrejas evangélicas em geral, não apenas estas ora em foco, promoveram mais o uso das redes sociais (Machado, 2021; Campos; Neto, 2021), sem contar as inúmeras lives gospel que entraram nos lares todos os dias. Nesse jogo de ambiguidades, engendram-se novos modos de praticar a religiosidade e as religiões, nos períodos pandêmico e pós-pandêmico.

Entretanto, é importante destacar que, no âmbito do campo religioso cristão, não houve consenso em relação ao fechamento dos templos no período mais grave da pandemia. Embora alguns seguimentos pentecostais e neopentecostais tenham cumprido o isolamento social, decretando a interrupção de suas atividades presenciais, outras líderes se colocaram contra tais medidas, acionando uma ideia de “endeusamento da ciência” (Machado, 2021), reforçando o direito ao livre exercício religioso bem como a sua importância – como serviço essencial – diante de tempos de incertezas e até mesmo relacionando o vírus às pragas bíblicas (Almeida; Guerreiro, 2021) e à imunidade do rebanho evangélico. Tais posicionamentos se mostraram condizentes com o governo de Jair Bolsonaro, que geriu a pandemia por meio do negacionismo de sua existência e gravidade.

A pandemia foi marcada também pela ausência e dismantelamento das políticas públicas LGBTIA+ por parte do então governo, que adotou uma postura aberta-

mente contrária a esses movimentos sociais e incentivou iniciativas discriminatórias contra essa população. As igrejas LGBTIA+ acabaram se destacando enquanto locais (físicos ou virtuais) de refúgio e interação social entre pessoas dissidentes da cis-heteronormatividade.

Várias das entrevistadas citaram a internet como fonte do primeiro contato com as teologias LGBTIA+, que deram substrato à criação e consolidação dos seus grupos e igrejas. Ao buscarem na rede mundial de computadores por convergências entre fé cristã e homossexualidade/transgeneridade, encontraram novas perspectivas teológicas e congregacionais, o que as animou a profetizar e criar grupos e igrejas que incorporassem a diversidade sexual e de gênero. Durante a pandemia, houve incremento no uso da internet para a discussão e divulgação dessas perspectivas dissidentes da cis-heteronormatividade.

Ao abordar o conceito de estigma, o artigo sublinhou que a diversidade sexual e de gênero, que outrora gerava sofrimento e autonegação, foi transformada em marca de discriminação positiva, de modo que essas pessoas passaram a ser vistas como escolhidas por Deus para conduzir um novo e diferente rebanho, ungidas para protagonizar mudanças doutrinárias em suas comunidades religiosas, com inclusão e representatividade. Com isso, suas vidas adquiriram novos sentidos e, apesar dos transtornos gerados pela pandemia, conseguiram manter a sanidade mental por meio de expressões inusitadas e irreverentes de espiritualidade.

Enfim, trata-se de uma temática instigante e que ainda carece de novas pesquisas e aprofundamentos. As experiências místicas mostram a sua vitalidade ao, por meio de pessoas LGBTIA+, proporcionarem releituras inclusivas da fé cristã diante de um contexto de desigualdades e discriminações acentuadas no meio religioso e social da pandemia e pós-pandemia no país.

Referências

AGUIAR, C. E. Da ciber-religião para a ciber-religiosidade. Em: AVELLAR, V.; SILVEIRA, E. (Orgs.). Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético. São Paulo: Loyola, 2014.

ALMEIDA, R.; GUERREIRO, C. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia COVID-19. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021.

ALMEIDA, T. M. C. de. Dilemas de gênero e o *home office* em meio à pandemia da COVID-19. Em: GUIMARÃES, L. de V. M.; CARRETEIRO, T. C.; NASCIUTTI, J. R. (Orgs.).

Janelas da pandemia. Belo Horizonte: Instituto DH, 2020, p. 39-48.

ALTHAUS-REID, M. Deus *queer*. Rio de Janeiro: Metanoia; Novos Diálogos, 2019.

BEZERRA, T. G. Igrejas e grupos LGBTIA+ no Brasil e experiências místicas cristãs. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UnB, 2023.

CAMPOS, I. S; NETO, F. L. P. A presença virtual do sagrado em tempos pandêmicos: A virtualidade e a rua na construção do espaço público de Pelotas/RS. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 135-159, 2021.

CARLETTI, R. S. Religião e internet: como pensarmos a “religião” hoje? *Último Andar*, v. 29, p. 19-31, 2016.

CASTELLS, M. A Era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. A sociedade em rede. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.

CASTELLS, M. A Era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2. O poder da identidade. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.

CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAWNSON, L. The mediation of religious experience in cyberspace. Em: HOJSGAARD, M.; WARBURG, M. *Religion, and cyberspace*. London: Routledge, 2012.

FACCHINI, R. “Sopa de Letrinhas”? – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Campinas, SP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

FAUSTO NETO, A. A religião do contato: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos”. *Revista Comum. Inf.*, v. 7, n. 1: 13-33, 2004.

FERNANDES, N. V. E. Racismo estrutural e religioso contra Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro durante a Pandemia do COVID-19. *Revista Calundu*, v. 6, n. 2, p. 19–35, 2023.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2004.

HOOVER, S.; ECHCHAIBI, N. The “third space” of digital religions. The Center for Media, Religion, and Culture: University of Colorado Boulder, 2012.

IGREJA CONTEMPORÂNEA, Fundador, 2020. Disponível em: <<https://www.igrejacontemporanea.com.br/fundador>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

NOGUEIRA, G. D.; NOGUEIRA, N. S.; DE MOURA, R. Cura como resistência. Revista Calundu. v. 6, n. 2, p. 36-48, jul.-dez. 2022.

MACHADO, C. Rebanho de quem? Sobre religião, contágio e ideias que viralizam em tempos de pandemia. Dilemas: revista de estudos de conflitos e controle social [Reflexões na pandemia], Rio de Janeiro, p. 1-14, 2020.

Macluhan, M. Os meios de comunicação como extensão do homem. São Paulo: Cultrix, 1969.

MENEZES, R. de C.; SANTOS, L. R. Religião e Covid-19: notas sobre Cristianismos. Boletim Ciências Sociais e coronavírus, n. 62, p. 4-8, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022. Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-covid-19>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MOREIRA, S. R.; SILVA, I. J.; RONSI, F. Q. A mística profética de Marielle Franco. Dignidade Re-Vista, v. 4, n 7, jul. 2019.

MUSSKOPF, A. Teologias *gay/queer*. Em: JURKEWICZ, R. S. (Org.). Teologias fora do armário: teologia, gênero e diversidade sexual. Jundiaí-SP: Max Editora, 2019, p. 113-146. Disponível em: <https://catolicas.org.br/wp-content/uploads/2020/08/2019-Livro-Teologias-Fora-do-Armario-Catolicas.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2023.

NATIVIDADE, M. Uma Homossexualidade Santificada? Etnografia de uma Comunidade Inclusiva Pentecostal. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(2), p. 90-121, 2010.

RIEFF, P. O triunfo da terapêutica. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.

SBARDELOTTO, M. E o verbo se fez bit: experiência religiosa na era digital. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

SERRA, C. Viemos pra Comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na igreja. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

SHOJI, R. Estudos formais e modelos computacionais da religião. Em: USARSKI, F. (Org.). O espectro disciplinar das Ciências da Religião. São Paulo: Paulinas, 2007.

TREVISAN, J. S. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.



Este es un artículo publicado en acceso abierto bajo la licencia Creative Commons Attribution, que permite el uso, distribución y reproducción en cualquier medio, sin restricciones, siempre que se cite correctamente la obra original.